

O Salmo 150 à luz da Análise Retórica Semítica

Psalm 150 in the Light of Semitic Rhetorical Analysis

El Salmo 150 a la Luz del Análisis Retórico Semítico

Waldecir Gonzaga*

RESUMO

Como é do conhecimento de todos nós, os salmos faziam parte da vida do povo judeu, a tal ponto que, enquanto o Prólogo do livro do Eclesiástico se refere às Escrituras a partir da divisão “a Lei, os Profetas e os outros livros” (Prólogo Eclo 1.8.24-25), o Evangelho de Lucas fala das mesmas Escrituras, mencionando uma divisão a partir do livro dos Salmos, afirmando que tudo conduzia para Cristo: “na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos” (Lc 24,44). É interessante observar ainda que os cristãos usaram e valorizaram os Salmos em suas liturgias, seja como orações seja como hinos, entoando louvores a Deus, em suas mais variadas formas e melodias. Diante disso, tencionamos refletir sobre o Sl 150, a conclusão de todo o Saltério e um dos salmos mais musicados ao longo de nossa história. O Sl 150 está marcado e demarcado em seu ritmo pela ocorrência do verbo “louvar”, sendo que 12 vezes na forma *piel* imperativo e uma em *piel* imperfeito. Colocar este salmo diante da Análise Retórica Bíblica Semítica e poder adentrar no mesmo, segundo seus critérios, ajuda-nos mais ainda a perceber sua riqueza e a melhor usá-lo no estudo, na oração pessoal e comunitária.

Palavras-chave: Salmos; Aleluia; Louvar; Escrituras; Análise Retórica Bíblica Semítica.

ABSTRACT

As we all know, the psalms were a part of the life of the Jewish people, so much so that while the Prologue of the book of Ecclesiastic refers to the Scriptures from the division “the Law, the Prophets, and the other books” (Prologue Eclo 1.8.24-25), the Gospel of Luke speaks of the same Scriptures, mentioning a division from the book of the Psalms, stating that everything led to Christ: “in the Law of Moses, in the Prophets and in the Psalms” (Lk 24, 44). It is interesting to note that Christians used and valued the Psalms in their liturgies, whether as prayers or as hymns, singing praises to God in their most varied forms and melodies. In view of this, we intend to reflect on Ps 150, the conclusion of the entire Psalter and one of the most musical psalms throughout our history. The Ps 150 is marked and demarcated in its rhythm by the occurrence of the verb “to praise”, being that 12 times in the imperative form *piel* and one in imperfect *piel*. Placing this psalm in the face of Semitic Biblical Rhetoric Analysis and being able to enter into it, according to its criteria, helps us even more to perceive the richness of the same and to use it better in study, in personal and community prayer.

Keywords: Psalms; Hallelujah; Praise; Scriptures; Semitic Biblical Rhetoric Analysis.

*Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma e Pós-Doutorado pela FAJE, Belo Horizonte, MG. Diretor e Professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio e do Instituto Superior de Ciências Religiosas da Arquidiocese do Rio de Janeiro. E-mail: <waldecir@hotmail.com>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>

RESUMEN

Como es sabido de todos nosotros, los salmos formaban parte de la vida del pueblo judío, a tal punto que, mientras el Prólogo del libro del Eclesiástico se refiere a las Escrituras a partir de la división “la Ley, los Profetas y los otros libros” (Prólogo Eclo 1.8.24-25), el Evangelio de Lucas habla de las mismas Escrituras, mencionando una división a partir de lo libro de los Salmos, afirmando que todo conducía a Cristo: “en la Ley de Moisés, en los Profetas y en los Salmos” (Lc 24,44). Es interesante observar que los cristianos usaron y valorizaron los Salmos en sus liturgias, sea como oraciones, sea como himnos, entonando alabanzas a Dios, en sus más variadas formas y melodías. Ante esto, tencionamos reflexionar sobre el Sl 150, la conclusión de todo el Salterio y uno de los salmos más musicados a lo largo de nuestra historia. El Sl 150 está marcado y demarcado a su ritmo por la ocurrencia del verbo “alabar”, siendo que 12 veces en la forma *piel* imperativa y una en *piel* imperfecta. Colocar este salmo ante el análisis retórico bíblico semítico y poder adentrarse en el mismo, según sus criterios, nos ayuda más aún a percibir su riqueza y a mejor usarlo en el estudio, en la oración personal y comunitaria.

Palabras clave: Salmos; Aleluya; Alabanza; Escrituras; Análisis Retórico Bíblico Semítico.

Introdução

Os salmos são a oração de Israel e da Igreja, que sempre os usou de forma pessoal e na liturgia comunitária ao longo de sua história, como é o caso de suas muitas e variadas celebrações litúrgicas e paralitúrgicas¹. Sua importância é notória até mesmo pela posição que o livro dos Salmos sempre ocupou no cânon bíblico: tanto judaico, como cristão. Aliás, o próprio título deste livro já caminha nesta direção celebrativa e de louvor: em hebraico (*tehilim*) significa “orações”, enquanto que no grego (*psalterion*) significa instrumento musical. A forma e arranjo do livro dos Salmos, que temos hoje, já tinha sido estabelecida no séc. II a.C. (KRAUS, 1993, p. 26).

Do primeiro ao último salmo, em meio às dores e alegria da vida cotidiana, marcada por momentos altos e baixos, temos uma espiral crescente de confiança nas mãos de Deus. Essa espiral vai dando passos, marcados também pela condução que vai sendo dada pelo mestre da orquestra do templo, na direção do grande, festivo e interminável “aleluia” final (RAVASI, 1997, p. 997). Àquele que fez sua opção vital pelo bom caminho que Deus lhe indicou, entre os dois caminhos da vida, conforme lemos na abertura deste livro, no Sl 1, chegando ao final do mesmo livro, então, é o momento de entoar os louvores ao Criador pela estrada percorrida e pela vitória alcançada. Como nos recorda Ravasi, “a oração vai deixando de ser “súplica” e vai cada vez mais se tornando “louvor” (1997, p. 997).

Se todo o Saltério é uma sequência de orações e hinos ao bom Deus, os salmos 146 a 150 começam e terminam com a exclamação “aleluia”, computando 10 ocorrências, que correspondem às 10 ocorrências do verbo “louvar”, no imperativo, que aparecem concentradas na parte central do Sl 150, e + 1 no imperfeito, que aparece em sua conclusão, elevando o louvor a Deus a seu máximo grau, além de outras duas ocorrências que lhe servem de emolduramento: uma no início e outra no final, aqui também no imperativo. O acento recai sobre o louvor em sua expressão vigorosa e explosiva, sendo o único salmo em que todo

¹ Sobre os muitos e mais variados aspectos introdutórios a respeito da história do uso e da interpretação dos salmos na vida acadêmica, na pastoral e na liturgia, nós podemos conferir nas obras: ALONSO SCHÖKEL, L.; CARNITI, C. *Salmos I* (Salmos 1-72). São Paulo: Paulus, 1996, p. 12-110; KRAUS, H-J. *Los Salmos*. Vol. I. Sal 1-59. Salamanca: Sigueme, 1993, p. 13-175; RAVASI, G. *Il Libro dei Salmi*, Volume III (1-50). Commento e attualizzazione. Bologna: EDB, 1997, p. 13-65, em que os autores traçam um panorama dos principais pontos da literatura dos salmos e de seus dados gerais, bem como da influência e apropriação dos salmos ao longo da história do judaísmo e do cristianismo.

ser que respira no céu e na terra é convidado a unir-se à orquestra do Templo para louvar a seu Senhor e Criador (WEISER, 1994, p. 661). Aliás, Calvino afirma que todas as criaturas terrestres se unem neste louvor antecipando o louvor celestial, onde todos finalmente seremos congregados, “quando cantaremos com os anjos eleitos um eterno aleluia” (2009, p. 603).

1 O inteiro Saltério

Na estrutura da Bíblia Hebraica (TANAK), o livro dos Salmos ocupa o primeiro lugar entre os *Escritos* (*Ketuvim*), terceiro grupo, precedido pelos livros da *Lei* (*Tôrâ*) e dos *Profetas* (*Nebi'im*). Após os Salmos temos todos os demais livros dos Escritos: Jó, Pr, Rt, Ct, Ecl, Lm, Est, Dn, Esd-Ne e Cr. Essa posição é diversa tanto na LXX e na Vulgata, como em nossa Bíblias nas línguas modernas, que seguem o arranjo da Vulgata, onde o livro dos Salmos se encontra entre os chamados livros Sapienciais, Poéticos ou Líricos.

O hebraico chama o livro dos salmos de *tehilim* (תְּהִלִּים), para falar de *orações*, conforme lemos no início de vários salmos (por exemplo: Sl 17,1; 86,1; 90,1;102 e 142,1) ou na conclusão do Sl 72,20, quando se fala do final das orações de Davi. Mas o hebraico também o chama *sepher* (סֵפֶר), para falar de livro, como lemos no Sl 40,8 e em outros textos do AT, ou de *sepher tehilim* (סֵפֶר תְּהִלִּים), livro das orações, para falar do livro dos Salmos, sendo esta uma nomenclatura exclusiva para a coleção de cânticos e orações do hinário dos 150 salmos (KRAUS, 1993, p. 13). Mas a palavra hebraica para designar salmo é *mizmôr* (מִזְמוֹר), conforme lemos no início de muitos salmos, encontrado a partir dos salmos 3,1; 4,1; 5,1; 6,1 etc. A LXX, traduzindo o termo hebraico *mizmôr* (מִזְמוֹר), chama o mesmo livro de ψαλμοί (salmos), enquanto orações, segundo lemos em 2Sm 23,1, ou de ψαλτήριον (saltério), enquanto instrumento musical, presente nos salmos 56,9; 80,3; 107,3; 151,2; ou por βίβλος ψαλμῶν (livro dos Salmos), assim mencionado em Lc 20, 42 e At 1,20. O Saltério Canônico conta com 150 salmos, tanto no texto hebraico, como Vulgata e nas traduções modernas. A LXX, por sua vez, traz 151 salmos, sendo que o Sl 151 é tido como apócrifo e “de redação estranha” (BALLARINI; REALI, 1985, p. 39).

Em sua macroestrutura, o livro dos salmos pode ser dividido em cinco grandes blocos ou livros, sendo comparado com o número dos livros do Pentateuco (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 1996, p. 13). Segundo Ravasi, a intenção dessa divisão do livro dos Salmos em cinco livros teria sido aquela de “aproximar do Pentateuco histórico, das ações salvíficas de Deus, o Pentateuco Salmódico, da resposta do homem” (1997, p. 16). Cada um dos blocos tem uma doxologia final muito parecida (KRAUS, 1993, p. 21), apenas o Livro V que não a tem tão idêntica como os anteriores, mas ela existe. Ademais, dentro da macro estrutura é possível encontrar algumas coleções menores, como os 5 salmos *aleluiáticos* (Sl 146-150; além de seus anteriores: 104-106; 111-117 e 135), onde se encontra o objeto de nosso estudo, sendo também o último dos salmos do inteiro Saltério (ALLEN, 1983, p. 323); os 8 salmos *acrósticos* alfabéticos (Sl 9-10; 25; 34; 37; 111-112; 119 e 145) (Cf. MEYNET, 2015, p. 7-13); os 15 salmos dos degraus (Sl 120-134) (Cf. MEYNET, 2017, p. 7-19); muitos salmos que trazem o nome divino de forma diferente (YHWH ou *Elohim*); bem como os salmos com uma atribuição nos títulos (Salmos de Coré, de Davi, de Salomão, de Asaf, de Moisés) (BALLARINI; REALI, 1985, p. 41-42). Mas sua macroestrutura, dividida em cinco livros, assim se organiza:

Proêmio: Sl 1-2;
 Livro I) Sl 3-41, doxologia final: 41,14;
 Livro II) Sl 42-72, doxologia final: 72,18-19;
 Livro III) Sl 73-89, doxologia final: 89,53;
 Livro IV) Sl 90-106, doxologia final: 106,48;
 Livro V) Sl 107-145, doxologia final: 145,21;
 Hallel e doxologia final para todo o Saltério: Sl 146-150.

Outro detalhe é que o texto Hebraico, também chamado de Texto Massorético (TM), e a LXX divergem na enumeração dos salmos. A Vulgata seguiu a LXX e influenciou a divisão nas versões posteriores, haja vista a tradição católica romana. A primeira diferença se verifica no Sl 9 da LXX, que corresponde aos salmos 9 e 10 do TM, e esta diferença a mais vai até o Sl 113 no TM, que corresponde ao Sl 112 na LXX, com uma unidade a mais; a segunda diferença se verifica no Sl 113 na LXX, que corresponde aos salmos 114 e 115 do TM, aumentando em duas unidades. A terceira diferença vai aparece quando o Sl 116 do TM é dividido em dois pela LXX (Sl 114 e 115), fazendo com que a diferença volta a ser de uma unidade (TM: 117-146; LXX: 116-145). Enfim, o TM une os salmos 146 e 147, formando o Sl 147, que a LXX traz como sendo dois salmos (Sl 146 e 147). A esse ponto a enumeração se iguala e, do Sl 148 até o Sl 150, os salmos têm a mesma enumeração nos dois textos: hebraico e grego. Observemos estas diferenças no quadro seguinte:

Divisão Salmódica na TANAK e na LXX – Vulgata

Bíblia Hebraica	Bíblia Grega/Latina
Sl 1-8	Sl 1-8
Sl 9	Sl 9,1-21
Sl 10	Sl 9,22-29
Sl 11-113	Sl 10-112
Sl 114	Sl 113,1-8
Sl 115	Sl 113,9-26
Sl 116,1-9	Sl 114
Sl 116,10-19	Sl 115
Sl 117-146	Sl 116-145
Sl 147,1-11	Sl 146
Sl 147,12-20	Sl 147
Sl 148-150	Sl 148-150

Os salmos também podem ser divididos em vários gêneros literários (MANNATI, 1987, p. 17s), e um dos principais é formado pelos salmos de louvor, também chamados de hinos de louvor, fortemente marcados pela presença do termo “aleluia”, no início ou no fim, e, às vezes, no início e no fim. O termo “aleluia” significa “louvor”, “exaltação”, e tem a Deus como objeto do louvor, sendo uma expressão do máximo louvor, que vai demarcando o ritmo da oração em cada um dos salmos “aleluiáticos” (ROBERTSON, 2015, p. 267). Na bíblia hebraica eles encontram sua máxima expressão nos salmos 113 a 118 (*pequeno hallel*, embora já encontremos o termo “aleluia” desde o Sl 111), nos salmos 135-136 (*grande hallel*) e nos salmos 146 a 150 (*hallel final*, que contém nosso salmo aqui analisado). Estes salmos trazem

momentos fortes de ação de graças pelo que Deus é e por tudo o que Ele realizou na vida de seu povo. Mas especialmente o Sl 150, que é o último da coleção dos salmos *aleluiáticos* (ALLEN, 1983, p. 323), uma vez que ele conclama toda a obra da criação a entrar neste imenso louvor a Deus, concluindo o inteiro saltério. Os Salmos foram citados pelo próprio Cristo, como podemos conferir nos relatos da Paixão (GOURGUES, 1984, p. 44), e é o livro mais citado pelos autores do NT, de forma abundante inclusive por Paulo (Cf. PARANO, 1963, p. 229-241). Mas o que realmente salta aos olhos é que “o Novo Testamento introduz um fato novo e radical de interpretação dos salmos: a referência a Jesus, messias vindo ao mundo da parte do Pai” (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 1996, p. 14).

Outra particularidade no livro dos Salmos, que vale a pena recordar, é o fato de que nele nós também temos as duplicatas de alguns Salmos, fenômeno que ocorre algumas vezes no livro do Saltério: Sl 14 é igual ao Sl 53, ainda que tenha a diferença no uso do nome divino: YHWH (Sl 14) e *Elohim* (Sl 53); Sl 40,14-18 é igual ao Sl 70; Sl 57,8-12 mais Sl 60,7-14 são iguais ao Sl 108. Enfim, os títulos dos salmos são os mais variados possíveis, sendo que o mais comum é *mizmôr*, de onde, por meio da LXX, temos a tradução por *salmo*, como vimos antes.

Enfim, muito interessante é o estudo de Robertson sobre os salmos aleluiáticos (2015, p. 265-268), acerca da presença da exclamação הַלְלֵ-יָהּ (*Halêlû-Yah*), afirmando tratar-se de um grupo de salmos que aparecem em tríades, trazendo a expressão ou no início ou no final, ou em ambos. No Livro IV temos os salmos 104 a 106; no Livro V temos os salmos 111 a 113, interrompidos pelo Sl 114, onde não aparece a expressão; salmos 115 a 117, onde retorna a expressão; para, finalmente, entrarmos nos salmos 146 a 150, conclusão tanto do Livro V como do inteiro Saltério.

2 A Análise Retórica Bíblica Semítica

Embora seja verdadeiro dizer que o método da Análise Retórica quase não é ocupado entre nós, ou basicamente desconhecido ou de recente emprego na interpretação bíblica, todavia é falso afirmar que a retórica seja algo novo (MEYNET, 1993, p. 391). Bastaria vasculhar o mundo antigo, medieval, moderno e contemporâneo e encontraríamos muitas obras desde a retórica antiga e a retórica clássica até as atuais, seja no mundo grego seja no mundo latino (cf. MEYNET, 2008, p. 29-105). Por exemplo: o paralelismo dos *membros* é realmente uma característica fundamental da poesia bíblica hebraica/grega, e o *binarismo* marca toda a literatura bíblica, visto que muita coisa é dita duas ou mais vezes dentro de um mesmo texto bíblico, bastando procurar para encontrar dentro de uma divisão maior do texto e não apenas em parte.

É preciso ter presente que a *insistência* tem a sua função na linguagem que não pode lhe ser negada, e a *repetição* é uma figura retórica que nos ajuda na *complementariedade* do texto, que pode ser cronológica ou se sequência. O próprio *paralelismo* (primeiro lugar - mais para cima) ou *oposição* (sentar - levantar) tem a sua função na estruturação e mensagem do texto (MEYNET, 1993, p. 395). A mensagem de um texto nem sempre está no fim; às vezes pode estar no centro. Para isso é preciso saber destrinchar o texto. Para tanto bastaria tomar um salmo como o Sl 150, objeto de nosso estudo e isso se verifica de imediato. Mas também podemos ver um exemplo bastante simples como no texto das Bem-Aventuras (Mt 5,1-12) ou do Pai Nosso (Mt 6,9-13).

Também é preciso também ter em mente e bem claro que a Análise Retórica é útil e muito ajuda para analisar textos curtos, *perícopes* maiores (ex. conjunto de salmos, como os salmos dos degraus (Sl 120 a 134), narrações de parábolas (Lc 15: parábolas da misericórdia), pois nos ajuda a determinar os limites de um texto (MEYNET, 1993, p. 404-405). Mas o seu emprego maior se situa aos níveis superiores como os conjuntos de perícopes que constituem as *sequências* e as *subsequências*, o de conjuntos de sequências que formam as *seções* e as *subseções* e, finalmente, o de um livro no seu conjunto todo, como é possível ver no inteiro livro dos Salmos.

Por fim, é muito importante que tenhamos claro que a utilidade da Análise Retórica fornece os meios para ler em conjunto de dois textos ou livros paralelos, os quais, com grande diversidade de maneiras, foram escritos para andarem juntos, como os cinco Livros dos Salmos (Livro I: Sl 1-41; Livro II: Sl 42-72; Livro III: Sl 73-89; Livro IV: Sl 90-106; Livro V: Sl 107-150). Não nos esqueçamos de que nunca, sem sombra de dúvidas, a chave de um cofre não é mais importante que as joias que ele encerra, mas a chave com que se fecha permite também abrir, sem forçar nem o cofre nem o texto bíblico escrito, aplicando a metáfora ao texto bíblico. Neste sentido, é que acreditamos ser importante seguir os critérios da Análise Retórica, compreendendo as oito possíveis figuras de composição para a divisão de um texto, segundo nos apresenta Roland Meynet, em seu *Tratado Retórica Bíblia* (cf. MEYNET, 2008, p. 132-209) ou em seu texto *Análise Retórica* (cf. MEYNET, 1992, p. 159-249), onde encontramos a definição dos *níveis* de composição de um texto e os *frutos* da aplicação do método da Análise Retórica Bíblica Semítica.

A) Os níveis ou figuras de composição de um texto

1) O membro: é a mínima unidade da organização retórica que, do ponto de vista externo e quantitativo, pode-se designar como um sintagma que geralmente compreende de dois a cinco termos, que formam uma certa unidade sintática. Ex.: “Louvai a Deus” (Sl 150,1); “Eu, IHWH sou teu Deus” (Ex 20,2); “Pedro, apóstolo de Jesus Cristo” (1Pd 1,1), etc. (MEYNET, 1992, p. 161; 2008, p. 132-146).

2) O segmento: é uma unidade superior ao membro (formado por dois, três, quatro membros). Existe um certo número de segmentos de um só membro, que chamamos de “unimembros” (uma linha) e existem outros que são compostos por dois ou três membros e são chamados de “bimembros” e “trimembros”. O segmento unimembro é constituído de poucas palavras e uma única linha. O segmento bimembro (duas linhas), normalmente conta com *simetria paralela ou paralelismo* ou com *simetria cruzada* ou *quiasmo*. Um Segmento trimembro (três linhas), que pode ter relação entre si ou não. Este pode ser do tipo abc ou abb’ ou aa’b ou abc-a’b’c’ ou abc-c’b’a’ ou aa’-bb’-cc’, etc. (MEYNET, 1992, p. 161-188; 2008, p. 146-163).

3) O trecho é uma unidade textual superior ao *segmento*, formado por dois ou mais segmentos, inclusive com vários ou mesmo de um apenas, dependendo sempre do texto bíblico, se mais complexo ou menos complexo, podendo ser paralelo ou concêntrico (MEYNET, 1992, p. 189-205; 2008, p. 164-181).

4) A parte. Como o segmento que se compõe de dois, três ou mais membros, e o trechos se compõe de dois ou três segmentos, ou mesmo de um só, assim também a parte se compõe de dois ou três trechos ou de um só (MEYNET, 1992, p. 206-223; 2008, p. 182-191).

5) A perícopé ou *passagem* é a primeira unidade separável capaz de autonomia e compreende, por assim dizer, a unidade mínima de leitura ou recitação: um salmo, uma parábola, uma narrativa de uma cura etc., e consta de uma ou duas partes (MEYNET, 1992, p. 224-244; 2008, p. 191-201).

6) A sequência é a unidade superior à perícopé e é formada por dois ou mais *passos*, formando uma divisão maior, ou seja, é formada por várias *passagens* (MEYNET, 1992, p. 245-248; 2008, p. 202-204).

7) A seção é formada pela organização de várias sequências ou de suas subseções, como as perícopes são unidas pelas *sequências* (MEYNET, 1992, p. 249; 2008, p. 205-207).

8) O livro, é formado por suas várias seções que compõe o texto todo, ou por vários livros, como é o caso do inteiro Saltério, formado por cinco livros, além de introdução e conclusão (MEYNET, 1992, p. 249; 2008, p. 207-208).

B) Os frutos da aplicação da Análise Retórica

1) Um primeiro fruto diz respeito ao fato de que o método fornece critérios para *delimitar as unidades literárias e textuais* em seus diversos níveis de organização, seja em seus *níveis inferiores* (segmentos, *parallelismus membrorum*, semelhanças e diferenças), bem como na delimitação das diversas e independentes perícopes, que têm uma regularidade de composição em cada uma delas, como podemos ver em exemplos simples como o Sl 150 (aleluiático), em Mt 5,1-2.3-12 (bem-aventuranças), etc. (MEYNET, 1996, p. 403-413).

2) Um segundo fruto se dá no campo da *interpretação*, visto que internamente à perícopé, a organização ajuda a identificar as simetrias, as oposições e as identidades que ajudam a identificar as relações estruturais entre os elementos, os quais indicam o caminho a ser trilhado para melhor entender a mensagem do texto, seja das unidades inferiores seja das unidades superiores. Exemplo simples disso é o texto de Lc 15,1-3.4-7.8-10.11-32: as três parábolas da misericórdia e da alegria do reencontro, que podem ser estudadas separadamente, mas também em seu conjunto. Se o centro de uma composição é concêntrico ou não isso se reconhece logo ao ler o texto e aí se tem a “chave de leitura” de toda a mensagem, como que o seu “coração nervoso e palpitante”, tematicamente falando, e que deveria ser olhado com mais carinho. Para tanto a metáfora da *menorah* hebraica nos ajuda, visto que no centro do *candelabro* de 7 ou de 9 braços encontra-se um braço que rege e sustenta os demais. Identificando o centro/coração da perícopé identificaremos a temática central da mesma (MEYNET, 1996, p. 413-416).

3) Um terceiro fruto é aquele de ser capaz de ler junto as *diversas perícopes* e de ajudar a realçar os efeitos do sentido e *temática*, que normalmente não temos ao ler as perícopes separadamente, visto que fogem a uma leitura separada. A relação *linguística* entre elas é algo que está fortemente presente e que ajuda a entender as relações de conteúdo (exemplo disso é o julgamento de Jesus em Mt 26,57-27,27, organizado em duas fazes: 26,57-75, judaica; 27,1-2, transição; 27,3-26, romana). Neste sentido, a Análise Retórica possibilita encontrar uma definição realmente científica da noção de “contexto” (MEYNET, 1996, p. 417-422).

4) Um quarto fruto diz respeito à *tradução* do texto, pois no que tange às recorrências lexicais que têm funções importantes no texto, a Análise Retórica ajuda justamente a ver que elas têm uma função retórica na composição do texto e estas precisam ser respeitadas,

ocorrências funcionais e ordens das palavras ao longo de um texto. Tomemos novamente o exemplo de Lc 15,11-32, que às vezes traduz o verbo δίδωμι, do original grego para o português, como *dar* e outras por *colocar*, ou outros textos tanto do AT como do NT, onde deveríamos respeitar mais o texto na língua original, ao fazer a passagem da língua de saída para a língua de chegada (MEYNET, 1996, p. 417-426).

5) Um quinto fruto é o fato de que a Análise Retórica também pode ajudar na *crítica textus*, pois ao tratar com *parallelismus membrorum*, e demais estruturas presentes no texto, ela pode ajudar a escolher entre as variantes, sobretudo para decidir se uma parte do texto deve ser considerada omissão ou acréscimo. A que respeita mais paralelismos parece ser a mais preferível, pois faz parte da estrutura linguística. A crítica literária nos ajuda e muito neste sentido, sempre respeitando os critérios internos e externos da *crítica textual* (MEYNET, 1996, p. 426-435).

6) Um sexto fruto que não podemos deixar de lado é o fato de que a Análise Retórica pode fornecer procedimentos e critérios científicos – de tipo linguístico – para a delimitação das unidades literárias aos diversos níveis da organização do texto, para encontrar o contexto e para se favorecer as condições para uma interpretação que proporcione identificar as relações significativas entre as unidades literárias, os diversos níveis de estruturação do texto, como foram compostos por seus redatores.

3 O SI 150: O contínuo, festivo e interminável louvor

Os cinco últimos salmos do Saltério cumprem uma dupla função: eles constituem, ao mesmo tempo, a conclusão doxológica do quinto livro e aquela de todo o Saltério, como se tivéssemos uma doxologia final de 5 salmos para os 5 livros do Saltério (ALLEN, 1983, p. 324). E a subseção conta com estes 5 salmos organizados em três sequências: a) a primeira e a última são formadas por dois salmos cada; b) a sequência central é formada por apenas um salmo:

Jacó é convidado	a louvar o Senhor,	Criador e Salvador	: 146-147
A Criação toda inteira	é convidada	a louvar o Senhor	: 148
Israel é convidado	a dançar e tocar	para o Senhor	: 149-150

A raiz verbal הלל nos coloca diante de uma realidade de louvor (*hallel*), que é a palavra e o sentimento que devem concluir nossa oração, como na “liturgia celeste do Apocalipse” (RAVASI, 1997, p. 997). Aqui no corpo do SI 150 nós temos a ocorrência da mesma raiz por 10 vezes na forma *piel* imperativa, na 2ª pes. plural masculina (הללוהו), com sufixo de 3ª pes. singular masculina, uma vez na forma *piel* imperfeito, na 3ª pes. singular feminina (תהללי), além das outras duas ocorrências, inicial e final, sempre na forma *piel* imperativa masculina plural (הללו), “sempre apontando para a excelsa pessoa de Deus” (KRAUS, 1995, p. 840). Auxiliados pelos critérios da Análise Retórica Bíblica Semítica (Cf. MEYNET, 1993, p. 391-408), percebemos ainda mais e melhor o ritmo que demarca o louvor neste salmo, determinado pela presença dos imperativos em toda a sua estrutura (KRAUS, 1995, p. 838), que pode ser visto tanto na língua original como na tradução portuguesa, a saber: a) de 2+3 na primeira parte; b) de 3+3 na segunda parte; c) de 2+2 na terceira parte (MEYNET, 2017, p. 687).

1	Aleluia! (Louvai a Yah!)	הַלְלוּ יְהוָה	1
	Louvai a Deus em seu santuário;	הַלְלוּ-אֱלֹהִים בְּקִדְשׁוֹ	
	louvai-o no firmamento de seu poder.	הַלְלוּהוּ בְּרָקִיעַ עֲזוֹ:	
2	Louvai-o por suas proezas;	הַלְלוּהוּ בְּגִבּוֹרֹתָיו	2
	louvai-o conforme a imensidão de sua grandeza!	הַלְלוּהוּ כְּרֹב גְּדֻלָּתוֹ:	
3	Louvai-o com o toque da trombeta;	הַלְלוּהוּ בְּתִקְעַ שׁוֹפָר	3
	louvai-o com saltério e com harpa.	הַלְלוּהוּ בְּנִבְלָ וּכְנֹר:	
4	Louvai-o com dança e tambor;	הַלְלוּהוּ בְּתַף וּמְחֹל	4
	louvai-o com as cordas e flauta.	הַלְלוּהוּ בְּמִנִּים וְעִנְיָב:	
5	Louvai-o com címbalos sonoros;	הַלְלוּהוּ בְּצִלְצְלֵי-שָׁמַע	5
	louvai-o com címbalos retumbantes!	הַלְלוּהוּ בְּצִלְצְלֵי תְרוּעָה:	
6	Todo ser que respira	כָּל הַנְּשָׁמָה	6
	louve a Yah!	תְּהַלֵּל יְהוָה	
	Aleluia! (Louvai a Yah!)	הַלְלוּ-יְהוָה:	

Na estrutura do Sl 150, conforme nos indica Meynet a partir da Análise Retórica Bíblica Semítica (MEYNET, 2017, p. 686-687), dividido em três partes (v.1.3-5.6), logo percebemos os quatro movimentos que esta sinfonia aleluiática desenvolve: o *primeiro* movimento vai na direção do local de onde brota o louvor e caminha para todo o cosmo (v.1: santuário e firmamento), o *segundo* movimento demarca a grande manifestação de Deus na história (v.2: proezas e imensidão), o *terceiro* movimento se manifesta e se regozija no ritmo da música (v.3-5: trombeta, saltério, harpa, tambor, cordas, flauta e címbalos), e o *quarto* movimento volta-se novamente ao cosmo e à sua função de louvor a Deus (v.6: que todo ser que respira louve ao Senhor). Neste sentido, este canto harmonioso do Sl 150, parte do lugar da presença do Deus infinito entre nós (Santuário) para o seu lugar infinito nos céus (firmamento), que nós, simples mortais, podemos apenas antever ou imaginar (v.1), para, em seguida, passando pela história santa, com suas manifestações (v.2), acompanhado pela musicalidade instrumental (vv.3-5), envolver todo ser vivente na oração e no grande louvor a seu Senhor e Criador (v.6) (KRAUS, 1995, p. 840).

Os dois nomes divinos (אֱלֹהִים e יְהוָה) “fazem inclusão e são, por assim dizer, complementares” (MEYNET, 2017, p. 687). “Deus” (150,1: *’ēl*) é o nome comum da divindade, “Yah” (150,6) é seu nome próprio, aquele do Deus de Israel (ALLEN, 1983, p. 324). Enquanto a LXX lê a primeira ocorrência como “τὸν θεόν / Deus” e a segunda como “τὸν κύριον / o Senhor”, a Vulgata lê as duas vezes como “*Dominum / o Senhor*”.

As duas ocorrências do termo “aleluia”, inicial e final (150,1.6), que temos no Texto Massorético, da edição *Leningradense*, tanto da BHK (1937) como da BHS (1977), não aparecem em algumas versões antigas, como a Vulgata, se levarmos em conta que ela traz duas listas dos últimos salmos, uma contendo o termo “aleluia” apenas no início e outra contendo no início e no fim. Enquanto a LXX lê o “αλληλουια / aleluia” no início e no fim, como no texto Hebraico, a Vulgata, na primeira lista, lê apenas no início e ignora a ocorrência do

termo “aleluia” final, trazendo-o apenas no início e em maiúsculo (“ALLELUIA”), como se fosse um título. Talvez, por isso, “ignora” o termo “aleluia” final. Ou ainda porque Jerônimo teria traduzido de um manuscrito hebraico ou grego que não tinha o termo “aleluia” final e sim apenas o inicial; pode ser que pela dúvida, ele tenha deixado as duas listas. Segundo Robertson (2015, p. 268), não se trata de um título e sim de um “termo estratégico” que faz parte da estrutura mesmo de cada um destes salmos, marcados pelo ritmo da oração e do louvor a Deus, presente nos mesmo.

No que diz respeito aos últimos cinco salmos do Saltério (Sl 146-150), o Texto Massorético traz uma única lista com a mesma estrutura, ou seja, com o termo “aleluia” no início e no final, como acenamos acima, e a LXX, que também traz uma única lista dos salmos finais, repete o termo “aleluia” no início e no fim apenas no Sl 150 e ignora a repetição nos salmos 145 a 149. A LXX apresenta ainda o Sl 151, mas sem nenhum termo “aleluia”. A Vulgata tem duas listas dos salmos 145 e 146, mas sempre com um termo “aleluia” inicial apenas. Para o Sl 147, a Vulgata traz apenas uma lista e com um termo “aleluia” somente no início. Ela volta a trazer duas listas finais para os salmos 148 a 150: na primeira lista os salmos 148 e 150 trazem o termo “aleluia” somente no início e o Sl 149 sempre no início e no fim; mas na segunda lista os salmos 148 e 150 são apresentados com o termo “aleluia” inicial e final. No que tange ao Sl 150, então, a Vulgata, nas duas listas, traz uma versão diferente: na primeira, ele traz o termo “aleluia” apenas no início, concluindo com a expressão *explicit liber psalterium*; na segunda, ela traz o termo “aleluia” no início e no fim, e o conclui com a expressão *explicit psalterium*. A Nova Vulgata (1979), seguindo a Vulgata Sixto-Clementina (1592), apresenta apenas uma lista dos salmos finais (Sl 146-150). Ela traz o Sl 146 com o termo “aleluia” apenas no início, e os salmos 147 a 150, todos com duas ocorrências do termo “aleluia”: um no início e outro no fim.

1	αλληλουια	ALLELUIA.
	αἰνεῖτε τὸν θεὸν ἐν τοῖς ἁγίοις αὐτοῦ	Laudate Dominum in sanctis eius;
	αἰνεῖτε αὐτὸν ἐν στερεώματι δυνάμεως αὐτοῦ	laudate eum in firmamento virtutis eius.
2	αἰνεῖτε αὐτὸν ἐπὶ ταῖς δυναστείαις αὐτοῦ	Laudate eum in virtutibus eius;
	αἰνεῖτε αὐτὸν κατὰ τὸ πλῆθος	laudate eum secundum multitudinem
	τῆς μεγαλωσύνης αὐτοῦ	magnitudinis eius.
3	αἰνεῖτε αὐτὸν ἐν ἤχῳ σάλπιγγος	Laudate eum in sono tubae;
	αἰνεῖτε αὐτὸν ἐν ψαλτηρίῳ καὶ κιθάρα	laudate eum in psalterio et cithara.
4	αἰνεῖτε αὐτὸν ἐν τυμπάνῳ καὶ χορῷ	Laudate eum in tympano et choro;
	αἰνεῖτε αὐτὸν ἐν χορδαῖς καὶ ὀργάνῳ	laudate eum in chordis et organo.
5	αἰνεῖτε αὐτὸν ἐν κυμβάλοις εὐήχοις	Laudate eum in cymbalis benesonantibus;
	αἰνεῖτε αὐτὸν ἐν κυμβάλοις ἀλαλαγμοῦ	laudate eum in cymbalis iubilationis.
6	πᾶσα πνοὴ αἰνεσάτω τὸν κύριον	Omnis spiritus laudet Dominum!
	αλληλουια	ALLELUIA (uma lista tem, a outra não)

O termo *qōdes̄* (150,1) é um termo que precisa ser analisado para “escolha” em vista da tradução. Aqui ele pode ser traduzido tanto por “santuário” como por “santidade”, sendo que ainda resta saber se este Santuário é o terrestre, de Jerusalém, ou o celeste (ALONSO

SCHÖKEL; CARNITI, 1998, p. 1668; MEYNET, 2017, p. 685). A LXX traduziu por “ἐν τοῖς ἁγίοις αὐτοῦ / em seus santos”; a Vulgata, seguindo a LXX, traduziu por “*in sanctis eius / em seus santos*”. Porém, aqui o mais correto é traduzir por “santuário” e não por “santidade” ou “por seus santos”, como traduziram a LXX e a Vulgata. O termo indica uma área santa, transcendente, de onde Deus tudo governa. O nosso salmista “tem os pés nos átrios do templo [...] e coração e os olhos nos céus, num diálogo com o Deus Emanuel e transcendente” (RAVASI, 1997, p. 1003), ou seja, eis que ele se encontra diante da *šekînah* divina, e sente a presença de Deus de forma muito forte nas duas direções: na terra e no céu. Agostinho, concordando com a tradução da Vulgata (“em seus santos”), afirma que o louvor acontece naqueles que Deus glorificou (1998, 1169), naqueles que, na grande sinfonia do Altíssimo, têm os *sursum corda* (“os corações voltados para o alto”).

Louvar a Deus em seu santuário era o desejo de todo judeu: poder subir até Jerusalém e encontrar-se diante do esplendor e da pujança de construção que Israel havia edificado a *Adonai* era o desejo de todo fiel e filho de Israel. Era encontrar-se na presença da potência “do Senhor do Exércitos” e “Deus rico em misericórdia e lento na ira” (Ex 34,6).

O termo “suas proezas” (150,2), equivale a “suas potências divinas” ou “suas intervenções divinas”, e diz respeito a tudo aquilo que o Senhor faz sobre a terra, especialmente em favor de Israel, com sua força libertadora e potência liberadora (MEYNET, 2017, p. 685). Aliás, o Sl 150 exalta a grandeza e o poderio de Deus (v.1-2), que é visto como forte e poderoso. Já o restante, v.3-6, caminha noutra linha (instrumentos musicais e a presença dos seres viventes). Estas proezas ou “obras fortes” do Deus transcendente envolvem e arrastam toda a obra da criação no louvor a seu Criador, e seu canto é tão envolvente que cresce cada vez mais e se torna interminável, mas nunca ensurdecador, demonstrando ainda mais a beleza e a grandeza de suas proezas: agradável e potente ao mesmo tempo.

Os instrumentos musicais aqui mencionados (v.3-5) são os mais variados possíveis: šofar (corno), também muito usado para as festas dos jubileus e para os serviços militares, com um “som pobre”, mas potente; *nebel* (harpa), um instrumento de cordas e de sons refinados; *kinnôr* (citra, lira), também de cordas; *top* (tambor), muito usado também para as danças em geral, como as danças femininas e nas danças sacras; *minnîm* (cordas), um termo muito genérico, que pode indicar todos os instrumentos de cordas admitidos para as celebrações religiosas; *ugab* (flauta), como a nossa flauta doce; *šelšêlîm* (címbalos), que são duplicados, como os “címbalos sonoros e triunfantes” (150,5): os dois adjetivos traduzem os substantivos, que evocam um clima de cortejo, como aquele de quando a Arca foi levada para Jerusalém (MEYNET, 2017, p. 685), como encontramos em 2Sm 6,15. Segundo Agostinho, é de se notar que os címbalos não são surdos e sim de júbilo, ou seja, eles possuem “um louvor inefável, que brota da alma” (1998, 1172). O uso de instrumentos musicais nas liturgias dos filhos de Israel devia ser algo comum (cf. Sl 98,4-8), como sempre foi nas liturgias no cristianismo (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 1998, p. 1668), que continua usando os instrumentos de corda, de sopro e de percussão.

O Sl 150 não poderia ser executado de outra forma, senão com todos os instrumentos musicais possíveis e imagináveis, pois ele atravessa toda a liturgia, solenizando-a ainda mais pela sua explosão de alegria, unindo a terra ao céu. Ele é tão majestoso que é capaz modificar o real e “agir sobre o espírito dos homens” (RAVASI, 1997, p. 998).

Nas Sagradas Escrituras, como lemos explicitamente em Ap 5,13, o louvor não pertence apenas aos seres humanos, mas toda a obra da criação. No Sl 30,12-13, encontramos o convite

a transformar o luto em dança, a tristeza em alegria; no Sl 114,7, recordando a saída do Egito, a terra é convidada a dançar diante do Senhor; igual clima de festa percebemos no Sl 118, na procissão da liturgia para a festa das tendas, e no Sl 87, um cântico de Sião, mãe dos povos, com uma harmonia de sons, expressões, cantos e movimentos.

A música instrumental, com seus sons, modos e tonalidades para ajudar nesta harmoniosa obra de louvor a Deus, tudo “combinando” para que se atinja a perfeição no louvor a Deus, tudo oferecido a Deus como que numa grande ópera ou grande espetáculo em sua honra, glória e louvor contínuo e interminável. Aqui no Sl 150 a orquestra atinge o seu ápice, que já fora anunciado em Sl 149,3, que, por sua vez, já tinha sido adiantado lá no Sl 98, com o mestre da orquestra (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 1998, p. 1668), que convidava a todos a louvar a Deus com um cântico novo (Sl 98,1).

Os instrumentos humanos colaboram de forma especial e elegante neste imenso hino de louvor ao criador, embelezando ainda mais o que as criaturas de Deus já sabem fazer: “dançar e cantar” diante de seu Criador (ALLEN, 1983, p. 324). O homem, simples mortal, por ser *homo faber et homo ludens*, é capaz de fabricar finos instrumentos para criar belas e melodiosas harmonias para o seu Senhor e Criador, a exemplo de Jubal (“pai de todos os que tocam lira e harpa”) e de Tubalcaim (“pai de todos os ferreiros e laminadores em cobre e ferro”), conforme lemos em Gn 4,21-22.

O termo *nešāmā* (150,6), significa “respiro”, “respiração”, enquanto “hálito” vital ou “sopro” de vida, como aquele que Deus soprou nas narinas de Adão (Gn 2,7), que dá ao homem a capacidade de conhecer e tudo perscrutar. Em Gn 7,22-23, também encontramos um relato de seres viventes, que recebem o sopro vital pelas narinas, uma vez que o *rûah* de Deus é soprado sobre todo o criado. Toda a criação, todo ser que vive e respira, todo ser vivente, enfim, o criado é chamado a entrar e fazer parte desta grande e incomensurável orquestra para entoar infinitos louvores ao Criador e Senhor de todo o universo (WEISER, 1994, p. 662). Segundo Ravasi, o “hálito vital” vem após todos os instrumentos musicais construídos por mãos humanas, indicando o mais importante: “o respiro da vida que sobe da terra se torna oração” (RAVASI, 1997, p. 1000).

O termo *haleluiah* (150,1.6), emoldura o corpo do Sl 150, no início e no fim, o qual conta com três partes, “organizadas de maneira concêntrica” (MEYNET, 2017, p. 687). Se na primeira, temos o objeto do louvor: Deus (v.1-2), na terceira e última, temos o sujeito do louvor: todo ser que respira (v.6), onde encontramos a única menção do sujeito das 13 ocorrências do verbo “louvar”; se na primeira parte temos aquele que deve ser louvado, na terceira temos quem é chamado a louvar. Como nos recordam Alonso Schökel e Carniti, “o motivo do louvor é a grandeza e as manifestações do poder de Deus” (1998, p. 1668). Como nos recorda Robertson (2015, p. 265), é interessante registrar que o termo *haleluiah* aparece apenas em dois livros nas Sagradas Escrituras, sendo um do Antigo Testamento (Salmos: 104-106; 111-117; 135; 146-150) e outro do Novo Testamento (Apocalipse: 19,1-8, hino aleluiático).

A parte central é a mais desenvolvida, a qual enumera as manifestações do louvor, pela música e pela dança sacra (ALLEN, 1983, p. 324), como formas de louvar a Deus (KRAUS, 1995, p. 838). Como vimos acima, o ritmo que demarca o louvor é: a) de 2+3 na primeira parte; b) de 3+3 na segunda parte; c) de 2+2 na terceira parte. Segundo Meynet, “os 4 membros da primeira parte podem evocar os 4 ventos ou pontos cardeais” (2017, p. 687). Os instrumentos da segunda parte são em número 7, soma da totalidade, ou como prefere chamar Ravasi:

“da transbordante plenitude sonora” (1997, p. 1000). Na parte central, onde encontramos os 7 instrumentos, “que vão entoar o sacro concerto... numa coreografia de valor laudativo” (RAVASI, 1997, p. 1000), temos a menção a “dança” e do “tambor” (v.4), talvez por causa do ritmo, que é demarcado pelas batidas do tambor, ou pela potência do som deste instrumento. Interessante ainda é observar que temos aqui nos v.3-5 uma forma concêntrica na menção dos nomes destes 7 instrumentos musicais (de sopro, de corda e de “percussão”), faltando esclarecer melhor a dupla menção da “cítara”, no v. 5b:

3	Louvai-o	com o toque	da trombeta;
	louvai-o	com saltério	e com harpa.
4	Louvai-o	com dança	e tambor;
	louvai-o	com as cordas	e flauta.
5	Louvai-o	com címbalos	sonoros;
	louvai-o	com címbalos	retumbantes!

Digno de ser observado ainda é o fato de que na 1ª parte e na 2ª parte, no centro, temos 10 vezes o uso do verbo louvar, talvez recordando as 10 palavras do Decálogo, como temos em Ex 20 e em Dt 5, ou, ainda, as 10 palavras da narrativa da criação, como temos em Gn 1. Estes 10 imperativos anafóricos, de dois em dois, vão demarcando o ritmo do Sl 150, e encerrando esta lindíssima anáfora, de superlativa beleza, como que uma grande e harmoniosa obra sinfônica, executando o seu louvor contínuo, festivo e interminável a seu incomensurável público: Adonai, o Senhor e Criador de tudo. A estes 10 imperativos, que Kraus chama de “exortações imperativas” (1995, p. 839), acresce um *yiqtol* conclusivo, um imperfeito que, na sequência, pode ser traduzido também com o valor de um imperativo, conforme nos indica e permite a estrutura da gramática hebraica, quando ocorre este fenômeno. Ravasi afirma que no Sl 150, com a ocorrência de 13 vezes da raiz verbal ללל, nós temos um hino em forma de cascata, onde os 10 imperativos e o imperfeito vão destilando o mais sublime louvor de Deus, “mesmo na simplicidade dos instrumentos” (RAVASI, 1997, p. 999).

Os instrumentos musicais congregados nos v.3-5, que estão no coração da sinfonia, “que devem acompanhar o canto de louvor” (KRAUS, 1995, p. 839), não parecem seguir uma ordem especial (ALONSO SCHÖKEL; CARNITI, 1998, p. 1669), sendo que o que surpreende é a duplicação dos “címbalos”, com suas adjetivações, cujo significado também não nos é tão preciso: “sonoros” e “retumbantes”, pois não sabemos ao certo se seu som, neste caso, é de acompanhamento ou de aclamação (conclusão), visto que o *šôfar* (corno) comumente era usado para abertura e os *šelsêlîm* (címbalos) para a conclusão. Mas isso não era uma regra matemática e fixa. Os Padres da Igreja, por sua vez, fizeram uma interpretação alegórica destes instrumentos, dando a cada um deles uma realidade espiritual, aplicando este salmo à Igreja e aos cristãos no louvor a Cristo (ODEN, 2017, p. 570-571). Uma relação de instrumentos, parecida, nós encontramos em Dn 3,7: “trombeta, flauta, cítara, sambuca (harpa), saltério, cornamusa (gaita de fole) e toda sorte de instrumentos musicais”, que se parece um pouco com a que temos aqui em Sl 150,3-5, mas que não corresponde totalmente, nem no nome e nem no número. Mas, tem uma proximidade realmente grande.

Se, especialmente, os últimos cinco salmos (Sl 146 a 150) vão conduzindo ao louvor, o último (Sl 150) eleva o seu louvor à máxima potência, a uma superlativa grandeza e beleza

não vistas antes no saltério: um grande e potente “aleluia” conclusivo de tudo e de toda a obra da criação. Tudo vai colaborando e conduzindo para que se conclua desta forma: desde o Sl 1,1-6, contendo apenas seis versículos, com seu indicar a possibilidade de escolha diante dos dois caminhos que a vida nos apresenta, até o Sl 150,1-6, igualmente com apenas seis versículos, para que aquele que soube escolher o caminho da justiça e da santidade entoe solenemente um grande hino de louvor ao Criador e Senhor de tudo. Neste sentido, o Sl 150 se encaixa perfeitamente no final do Saltério como que um formidável hino executado pela orquestra que veio antes, nos 149 outros salmos, atingindo no Sl 150 a uma grande apoteose.

Não resta dúvidas, o Sl 150 é um único e harmonioso convite a louvar a Deus, com toda a realidade existente na vida humana e de tudo o que vive e respira (MEYNET, 2017, p. 686), com todos os instrumentos que o salmista aqui reúne, numa liturgia que somente o criador é capaz de receber, a partir deste “vigoroso hino sinfônico” (WEISER, 1994, p. 661): aqui orquestra e coro se harmonizam num ritmo e sintonia inimagináveis aos sentidos humanos, que só o divino pode perceber a sua grandeza (RAVASI, 1997, p. 1004). A repetição e constância do convite ao louvor é tão presente, que nos chama a atenção pelas regras da poética, naquilo que Alonso Schökel chama de: quantidade, qualidade e posição (1989, 98). Neste louvor concentra-se toda a harmonia melodiosa que o criado é capaz de realizar ao criador, como que em um potente, concatenado e vigoroso hino sinfônico aleluiático. Esta sinfonia é crescente, potente, fascinante (RAVASI, 1997, p. 997) e se agiganta de forma ainda maior a ponto de que tudo o que vive e respira entra nesta linda e espetacular melodia de louvor: não apenas o ser humano, mas todo ser que respira, que recebeu de Deus o hálito de vida (Gn 2,7).

Conclusão

O Sl 150 é uma doxologia musical e festiva, enquadrado em dois “aleluias”, que se prorrompem num louvor contínuo, como que não querendo extinguir-se nunca. E não poderia ser diferente, pois a função da salmodia é justamente conectar o homem a Deus e não existe forma melhor que a de louvor, neste interminável e puro louvor ao Senhor e Criador de tudo. Este salmo tem como finalidade, além de encerrar o quinto livro dos salmos (Sl 146 a 150), concluir toda a coleção do inteiro Saltério (BALLARINI; REALI, 1985, p. 40).

Em sua estrutura, o Sl 150 se organiza de forma concêntrica: na primeira parte, ele tem a Deus, como objeto do louvor (v.1b-2), enquanto que na última parte, ele conta com o sujeito do louvor: “todo ser que respira” (v.6ab), relacionado a todas as 13 ocorrências do verbo “louvar”. De tal forma que, entre a primeira parte e a última parte, temos um fio condutor entre quem deve ser louvado e quem deve louvar (MEYNET, 2017, p. 687). A primeira parte apresenta Deus em seu “santuário”, enquanto que a segunda celebra suas ações dentro da criação e da história, com todos os instrumentos (v.3-5) que se harmonizam para a execução desta perfeita e refinada obra musical a seu Senhor e Criador. Todo isso dá unidade ao Sl 150 e lhe confere a força retórica para que ele possa ser esta grande obra de louvor, emoldurada por um “aleluia” inicial e outro final.

Se muitas são os gêneros de Salmos (louvor, lamento, petição, confiança etc.), o Saltério não poderia concluir de outra forma, com inteira confiança, agradecimento e louvor ao Senhor, como que numa grande celebração, convocando a orquestra do Templo, com todos os seus instrumentos: o corno (*šôfar*), a harpa (*nebel*), a cítara ou lira vertical (*kinnôr*), o

tambor (*top*), os vários instrumentos de corda (*minnîm*), a flauta (*‘ûgab*) e os címbalos (*šelsêlîm*). Se não bastassem todos estes instrumentos, para esta celebração são convocados todos os seres que respiram (v. 6), especialmente o homem, para que todos participem desta cascata de dez “aleluias” presentes no corpo central do texto, na voz imperativa, unindo as vozes todas ao coro do universo, que louva e bendiz seu Senhor e Criador (MEYNET, 2017, 688). Todos os instrumentos, citados anteriormente (v. 3-5) são para dar suporte à voz, que constitui o ponto alto do canto e do louvor a Deus (ALLEN, 1983, p. 324).

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Comentário aos Salmos*. Vol. 9/3. Salmos 100-150. São Paulo: Paulus, 1998.
- ALLEN, Leslie C. *Psalms 101-150: Word Biblical Commentary*, Vol. 21. Waco, Texas: Word Books, 1983.
- ALONSO SCHÖKEL, Luís. *Manuale di poetica ebraica*. Brescia: Queriniana, 1989.
- ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I: Salmos 1-72*. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1996.
- ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos II (Salmos 73-150)*. Grande Comentário Bíblico. São Paulo: Paulus, 1998.
- BALLARINI, Teodorico; REALI, Venanzio. *A poética hebraica e os salmos*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BIBLIA NOVA VULGATA. *Bibliorum Sacrorum Editio*. Editio Typica Altera. Città del Vaticano: Editrice Vaticana, 1998.
- CALVINO, João. *Salmos*. São José dos Campos: Fiel, 2009. Vol. 4. (Série Comentários Bíblicos).
- GONZAGA, Waldecir. Ap 19,1-8: Profetismo na Liturgia. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 60, p. 566-585, set./dez., 2018.
- GOURGUES, Michel. *Os Salmos e Jesus. Jesus e os Salmos*. São Paulo: Paulinas, 1984. (Cadernos Bíblicos, 25).
- KITTEL, Rudolf (ed.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Editio quarta emendata opera H.P. Rüger. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos: Vol. I. Sal 1-59*. Salamanca: Sigueme, 1993.
- KRAUS, Hans-Joachim. *Los Salmos: Vol. II. Sal 60-150*. Salamanca: Sigueme, 1995.
- MANNATI, Marina. *Para rezar com os Salmos*. São Paulo: Paulinas, 1987. (Cadernos Bíblicos, 5).
- MEYNET, Roland. *L'Analyse Retorica*. Brescia: Queriniana, 1992.
- MEYNET, Roland. A Análise Retórica: um novo método para compreender a Bíblia. *Brotéria*, Lisboa, v. 137, n. 5, p. 391-408, 1993.
- MEYNET, Roland. I frutti dell'analisi retorica per l'esegesi bíblica. *Gregorianum*, v. 77, n. 3, p. 403-436, 1996.
- MEYNET, Roland. *Tratato di Retorica Biblica*. Bologna: EDB, 2008.
- MEYNET, Roland. *Les huit psaumes acrostiches alphabétiques*. Roma: G&B Press, 2015.
- MEYNET, Roland. *Les psaumes des montées*. Leuven: Peeters, 2017.
- MEYNET, Roland. *Le Psautier: Cinquième livre (Ps 107-150)*. Leuven/Paris/Bristol, CT: Peeters, 2017.
- ODEN, Thomas C. (ed.). *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia: Salmos 51-150*. Antiguo Testamento 9. Madrid: Ciudad Nueva, 2017.
- PARANO, Severiano del. *Las citas de los Salmos en S. Pablo. Analecta Biblica* 17-18, p. 229-241, 1963.
- RAHLFS, Alfred; HANHART, Robert (eds.). *Septuaginta*. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.
- RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi*, Volume III (1-50). Commento e attualizzazione. Bologna: EDB, 1997.

RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi*, Volume I (101-150). Commento e attualizzazione. Bologna: EDB, 1997.

ROBERTSON, Palmer. The strategic placement of the “HALLELU-YAH” Psalms within the Psalter. *The Journal of the Evangelical Theological Society*, Chicago, v. 58, n. 2, p. 265-68, 2015.

WEBER, Robert; GRYSON, Roger (eds.). *Biblia Sacra Vulgata: Iuxta Vulgatam Versionem*. Editio Quinta. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.

WEISER, Arthur. *Os Salmos: grande comentário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1994.

Recebido em: 10/01/2019

Aprovado em: 18/02/2019

Waldecir Gonzaga
Paróquia São Judas Tadeu
Rua Cosme Velho, 470 – Bairro Cosme Velho
22241-090 – Rio de Janeiro, RJ, Brasil